

Quando ele nasce

MARIANNA RIOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Se o pôr do sol é um espetáculo monumental, a alvorada é uma experiência cósmica que nos recebe a cada dia. “Quando nasce no horizonte, o sol vem de baixo para cima e ilumina o teto das nossas residências. Isso aumenta as sensações surreais desse lugar, de percebermos o horizonte distante, como se fosse um domo de vidro nos protegendo”, devaneia o arquiteto Cláudio Queiroz. A luz forte e, ao mesmo tempo, serena é a principal marca do céu da manhã dessa época do ano, que se prepara para enfrentar a falta de chuva. “Quando o sol nasce, parece que a atmosfera está mais limpa, mais suave, puxando para o rosa”, observa o fotógrafo publicitário Felipe Barreira.

O poeta paraibano José Rangel Farias Neto se sente em casa com a luminosidade da manhã. “O sol daqui é generoso, como é na minha terra. Brasília com sol é alegre, tem um brilho que me toca e me anima”, percebe. Para Neto, ninguém consegue ser indiferente ao céu da capital. “Não tem um dia em que eu não me veja contemplando o céu. Por isso, o céu, o horizonte e o sol estão sempre nas minhas poesias”, destaca. Não é à toa que o sol se faz presente nas obras dos artistas locais.

O artista plástico Wagner Hermusche, por exemplo, sempre retratou o sol e o céu em seus trabalhos. “Creio na arte que move esforços em imprimir na aura da cidade um valor imaterial. E evocar o céu é uma dessas ações. Seja com a visão única do cerrado silencioso ou com a cidade vista sob o espetáculo do nascer”, relata. A também artista plástica Juliana Limeira se acostumou a contemplar o nascer do sol desde os tempos de estudante, quando ia cedinho para a Universidade de Brasília (UnB).

O fotógrafo Evandro Salles nem precisou sair de casa para sentir a força da luminosidade invadir o apartamento na 305 Sul e produzir a série de imagens *Da minha janela*. “De casa, consigo ver o horizonte, o sol e o céu. A partir disso, fiz várias fotos do mesmo ponto de vista, da relação do céu, do horizonte e em todos os momentos do dia.” Já o professor de cinema da UnB e realizador de curta-metragens João Batista Lanari Bó homenageou a linha do horizonte de Brasília no filme *Mínima cidade*, de 1984. Nele, Lucio Costa e Oscar Niemeyer discutem como o horizonte foi importante para definir a criação da capital. “Bastante extensa e visível, a linha do horizonte aparece no filme como motivador para a criação dos dois inventores”, explica.

O brasileiro tem a impressão de que o Eixo Monumental foi desenhado na rota do sol. Não é exatamente assim. Segundo a pesquisadora e física Josina Nascimento, o fenômeno é difícil de acontecer, pois o astro-rei muda de ângulo durante o ano. Como um exercício de astronomia brasiliense, o Observatório Nacional calculou, para o *Correio*, com base em dados aproximados, o dia em que o sol irá nascer em uma das pontas do Eixo Monumental, próximo ao Congresso. Em 7 de novembro, o alvorecer será exatamente a 17º depois do leste, a partir das cúpulas, e o pôr do sol será a 17º antes do oeste, na outra ponta do eixo. Confira.

www.correiobraziliense.com.br
Veja a galeria de imagens com os trabalhos dos artistas locais que homenageiam o céu de Brasília

EXPEDIENTE

Diretor de Redação: Josemar Gimenez (josemargimenez.df@dabr.com.br); **Editora-chefe:** Ana Dubeux (anadubeux.df@dabr.com.br); **Editor executivo:** Carlos Alexandre (carlosalexandre.df@dabr.com.br); **Editor de Suplementos:** Renato Ferraz (renatoferraz.df@dabr.com.br); **Projeto Gráfico:** Saulo Santana (**Editor de Arte**); **Editor de Fotografia:** Luís Tajés (luistajes.df@dabr.com.br); **Coordenação:** Conceição Freitas; **Edição:** Conceição Freitas, Renato Ferraz, Teresa Mello e Gustavo Falteiro; **Arte:** Maurenilson Freire, Danilson Carvalho, Fernando Lopes e Kleber Sales; **Diagramação:** Andréa Paracat e Varilandes Junior; **Estagiários:** Júlia Coêlho, Laísa Queiroz e Hara Alcântara; **Revisores:** Ana Terra, Gabriela Artemis e Sandro Xavier